

Paulo Francini, diretor do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos da FIESP - DEPECON

“O país aproveitou o dinamismo da economia mundial entre 2004-2008 e apresentou crescimento que possibilitou a política de ampliação da renda. A crise financeira de 2008 interrompeu o crescimento da economia e ampliou as agressões à indústria que já sofria com a taxa de câmbio apreciada, a “Guerra dos Portos” e o crescimento dos importados. A política de incentivos amenizou os efeitos da crise, mas a elevação dos custos, o excesso de liquidez global e a elevação das importações intensificaram a perda de competitividade da indústria brasileira. Esses fatores associados à elevação do custo da mão-de-obra e ao “Custo Brasil” tiveram forte impacto negativo sobre a produtividade do trabalho da indústria.



Paulo Francini

O setor têxtil e de confecções foram fortemente atingidos neste processo. A produção de têxteis diminuiu 20,7% e a de vestuário caiu 15,5% entre abril de 2010 e agosto de 2012, desempenho pior do que o registrado pela indústria de transformação, que fechou o mesmo período com queda de 2,8%. A produtividade do trabalho do setor caiu 14,5% no período de janeiro a agosto de 2012 frente ao mesmo período de 2010, queda acima da indústria de transformação (-1,0%). Além disso, o

custo com mão-de-obra do setor é superior à média da indústria de transformação, conforme dados do IBGE em 2010 (23,4% sobre a Receita Líquida de Vendas contra 13,9% da Indústria de Transformação).

Diante deste cenário desolador, a adoção da medida de apoio à indústria pelo governo tem o mérito de reconhecer a importância do setor para o crescimento e a necessidade de reverter o processo de erosão de competitividade. Há ações direcionadas à redução dos custos, como por exemplo, a desoneração sobre a folha de pagamentos; outras, destinadas ao crescimento da demanda tais como o programa de compras governamentais de produtos nacionais com preferência nas licitações. Além disso, a ampliação da capacidade produtiva no longo prazo também foi contemplada com a redução dos juros do PSI-BNDES destinado à aquisição de bens de capital. Importantes também são as medidas horizontais destinadas a melhorar o ambiente econômico geral, como a redução das taxas de

juros e do *spread* bancário, que auxiliou na manutenção de uma taxa de câmbio mais depreciada, mais competitiva. O setor têxtil e de confecções foi contemplado com a desoneração da contribuição sobre a folha de pagamento e com o estabelecimento de margens de preferência de até 20% para produtos do setor.

Se é verdade que o ambiente econômico no Brasil precisa de uma mudança mais profunda e radical, também não se pode negar de que essas propostas apontam na direção correta, apesar de ainda insuficientes. Dessa forma, as medidas de apoio são um passo importante para reverter o quadro de expectativas dos empresários e acelerar o ritmo da recuperação. Nas estatísticas já surgem evidências de que elas começam a surtir efeitos positivos sobre a produção.

A expectativa é de que esses efeitos possam se espalhar ao longo das cadeias produtivas e que seja alcançado um processo de crescimento que induza investimentos posteriores, no entanto o cenário internacional deve ainda ter efeito sobre nosso desempenho, de modo que a recuperação que se inicia ocorra a passos lentos, mas, ainda assim pode se considerar as medidas como uma luz no fim do túnel.”